
Imigrantes portugueses em França e usos da Internet

Portuguese immigrants in France and internet usage

Catarina Silva Nunes

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/7663>

DOI: 10.4000/cp.7663

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Edição impressa

Data de publicação: 1 dezembro 2010

Paginação: 103-120

ISBN: 1646-1479

ISSN: 16461479

Refêrencia eletrónica

Catarina Silva Nunes, « Imigrantes portugueses em França e usos da Internet », *Comunicação Pública* [Online], Vol.5 nº 9 | 2010, posto online no dia 25 maio 2020, consultado o 05 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/7663> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.7663>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Imigrantes portugueses em França e usos da Internet

Portuguese immigrants in France and internet usage

Catarina Silva Nunes

Introdução

- 1 Este texto é enquadrado por um contexto mais lato, decorrente de uma pesquisa em curso sobre «As representações do catolicismo em França e em Portugal pelos imigrantes portugueses em França». Essas representações do catolicismo são interrogadas através do trabalho de campo em França e em Portugal com imigrantes portugueses, ou luso-descendentes a residir normalmente em França, católicos e não católicos. Quando de uma abordagem a uma pessoa migrante, que não se assumia primordialmente como católica e que tinha um importante papel na produção da imprensa portuguesa em França, a quem pedi a concessão de uma entrevista, fui por ela previamente encaminhada para o portal dos Sítios da Comunidade Portuguesa na Internet sobre migrações portuguesas. A visita a esses sítios e a análise do conteúdo de alguns deles permitiram-me verificar não uma especial ligação dos imigrantes portugueses à Internet, mas sim os usos que os portugueses dela fazem no sentido da construção e da auto-apresentação da identidade. Perceber como a Internet pode contribuir para a manutenção e reconstrução de traços identitários portugueses num contexto de emigração constituiu o objectivo do trabalho aqui apresentado. O modo como a suposta identidade portuguesa é manipulada e recriada na Internet será então muito valorizado neste texto. Apresentam-se inicialmente algumas propostas teóricas que possam conferir maior inteligibilidade aos dados recolhidos.

1. Propostas teóricas

- 2 Num texto sobre a formação das nações e o nacionalismo, José Manuel Sobral (2003) faz desfilar diante de nós a posição dos diferentes autores sobre os fenómenos em questão.

As perspectivas modernistas dos autores que associam nação e nacionalismo às transformações do estado moderno – com a emergência do estado-nação no contexto do industrialismo – e dos sistemas económicos e culturais, como Gellner, Hobsbawm, Mann e Anderson, são colocadas em confronto com as perspectivas processuais dos autores que acentuam a revalorização dos elementos pré-modernos na génese das nações e do nacionalismo. Entre os últimos encontram-se Smith, Llobera, Hastings e Maravall.

- 3 Anthony Smith parece, contudo, apresentar uma posição situada algures entre as abordagens modernistas e processuais. A sua definição de nação engloba «uma população humana habitando um território histórico e que partilha mitos e memórias comuns, uma cultura pública e de massas, uma economia comum e os mesmos direitos e deveres legais para todos os seus membros» (Smith *apud* Sobral 2003, p. 1101). Os últimos componentes desta definição inserem-se num quadro de modernidade; todavia, Smith encoraja a procura das origens da nação nos elementos étnicos pré-modernos. De acordo com este autor, as comunidades étnicas preexistentes à nação são:
 - «conjuntos históricos datados, de carácter étnico e simbólico-cultural, como
 - nome próprio;
 - mito de uma ancestralidade comum;
 - memórias históricas partilhadas;
 - um ou mais elementos culturais comuns (língua, religião e costumes...);
 - uma associação com uma terra específica;
 - um sentido de solidariedade para sectores específicos da população» (Smith *apud* Sobral 2003, p. 1102).
- 4 Memórias comuns – históricas, mitológicas, de saberes e de práticas – parecem constituir componentes essenciais da representação da nação e da identidade nacional dos seus membros.
- 5 Atentemos agora num outro conceito proposto por Benedict Anderson: o de comunidades imaginadas. Para Anderson, a nação é uma comunidade política imaginada e que «é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana» (Anderson 2005 [1983], p. 25). Ainda de acordo com este autor,
 - «é imaginada porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão.» (*id., ibid.*)
- 6 É também imaginada como limitada porque «até a maior das nações, englobando possivelmente mil milhões de seres humanos vivos, tem fronteiras finitas, para além das quais se situam outras nações» (*id., ibid.*, p. 26); e é finalmente imaginada como soberana porque «o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução destruíam a legitimidade do reino dinástico hierárquico e de ordem divina» (*id., ibid.*).
- 7 A associação permanente entre identidade e memória é evocada por Sobral num outro trabalho (2006). Conceptualizando memória como «meio de recordar e de mensagem (recordação)» (*id., ibid.*, p. 4), o autor afirma o carácter colectivo da memória devido à socialização e à aprendizagem social dos indivíduos, nela distinguindo duas dimensões: uma discursiva, associada à oralidade e à escrita, e outra não discursiva, que engloba rituais, comemorações e objectos.
- 8 A identidade nacional enquadra-se, para Sobral (2006), na multiplicidade das identidades sociais dos indivíduos. Naquela destacam-se vários aspectos que o autor identifica: o facto de se reportar a colectivos em que os indivíduos na sua maioria se

desconhecem e estão socialmente distantes (classe, género, etc.) – o que não implica a inexistência de amplos contactos, inter- -conhecimento e convívio entre muitos dos seus membros; a intervenção na sua génese e a manutenção de uma pluralidade de agentes de doutrinação (estado, «grandes personagens», elites intelectuais, etc.); território; fronteiras políticas, económicas e simbólicas; e tempos investidos de simbolismo nacional (Sobral, 2006, pp. 11-13).

- 9 Tal como a memória colectiva que a alimenta, a identidade nacional não é um dado estático, mas um processo, algo que se reconstrói e actualiza nas práticas quotidianas de uma população cujos elementos partilham entre si território, símbolos e narrativas comuns.
- 10 Na medida em que se procura neste trabalho tratar as representações de traços identitários portugueses em contexto de emigração e luso-descendência, será necessário convocar a perspectiva de Denys Cuche (2004 [1996]), para quem a identidade depende de dados relacionais e situacionais. Assim, a identidade é encarada por este autor como o conjunto dos processos de identificação social que num determinado contexto um grupo social cria e que pode manejar noutra situação ou noutra situação histórica.
- 11 Por outro lado, Adjun Appadurai, num texto que questiona o binómio nação/ / território, realça o facto de, muito embora o nacionalismo apresentar traços de vitalidade, o moderno estado-nação, enquanto organização compacta e isomórfica de território, etnia e ostentação governamental, parecer atravessar um período conturbado (Appadurai, 2007 [2003], p. 337). Paradoxalmente, a localidade encontra também dificuldades em estabelecer-se como entidade centrípeta: não só a produção da localidade desafia a ordem e o método característicos do estado-nação, como a movimentação humana (emigração, existência de refugiados, mobilizações sazonais relacionadas com o turismo) encoraja, dada a crise do estado-nação, a formação de translocalidades.
- 12 Em relação ao estado-nação, o autor propõe que aquilo que considera o princípio desta entidade, a saber, o princípio da soberania territorial, é algo que não pode, num mundo de mobilidades e translocalidades, ser visto exclusivamente «como um assunto legal ou jurídico estrito, mas como uma matéria cultural e de afiliação muito mais vasta» (*id.*, *ibid.*, p. 338). O mundo sobre que escreve Appadurai é, por conseguinte, um mundo de soberanias móveis envolvendo paradoxos territoriais (existência de direitos para cidadãos que se encontram fora do território nacional, por exemplo) que resultam na desconstrução da associação forçosa entre estado-nação e território. Ainda de acordo com este autor, é necessário distinguir entre território e solo. Enquanto o território se encontra associado ao conceito de estado- -nação e aos aspectos da integridade, da submissão e do policiamento que lhe são subjacentes, o solo está acima de tudo ligado ao espaço, à origem e à pertença.
- 13 À medida que estas distinções entre território, solo e cidadania têm vindo a ocorrer, assiste-se ao surgimento daquilo que alguns não hesitam em designar ainda por comunidades, as quais vão sendo construídas a nível mundial. A algumas destas comunidades Howard Rheingold chama comunidades virtuais. Rheingold não é apenas um teórico deste tipo de entidades, mas um indivíduo profundamente comprometido com o objecto de que fala e com questões éticas e futuristas que lhe dizem respeito. No livro *Comunidade Virtual*, o autor explicita os conceitos de rede, comunidades virtuais e ciberespaço. A rede é «o termo informal que designa as redes de computadores

interligadas, empregando a tecnologia CMC [comunicações mediadas por computador] para se associar pessoas de todo o mundo na forma de debates públicos». Por seu turno, as comunidades virtuais

«são os agregados sociais surgidos na Rede quando os intervenientes de um debate o levam por diante, em número e sentimento suficientes para forma-rem teias de relações pessoais no ciberespaço. O termo ciberespaço (...) é o nome por vezes usado para designar o espaço conceptual onde se manifestam palavras, relações humanas, dados, riqueza e poder dos utilizadores da tecnologia CMC» (Rheingold, 1996 [1993], p. 18).

- 14 De acordo com Rheingold, o poder da Internet actuaria a três níveis: o das necessidades intelectuais, materiais e emocionais das pessoas que utilizam a rede; o do desenvolvimento das relações inter-pessoais, das amizades e das comunidades; o do campo político, particularmente no que respeita à construção e manutenção da democracia. Todavia, Rheingold demonstra já em 1993 os potenciais efeitos nefastos decorrentes de uma má utilização da rede que se podem vir a manifestar no futuro. Se seguirmos a abordagem de Wellman e Boase (2004), a perspectiva de Rheingold tem muito em comum com as posições utópicas (as que acreditam que a Internet veio para criar um mundo melhor) e as distópicas (as que encontram na Internet a fonte de muitos males), que partilham entre si o facto de conferirem à Internet um imenso poder exterior, capaz de agir sobre a vida das pessoas que a utilizam.
- 15 A nossa abordagem destaca ainda, ao nível da concepção da Internet como forma de construir e manter a identificação nacional, e em particular como modo de o fazer através dos processos de objectificação, as propostas de Daniel Miller e Don Slater no livro *The Internet. An Ethnographic Approach*. Este livro, partindo do trabalho de campo em Trinidad e com indivíduos oriundos da ilha, assume logo no início uma premissa geral, que consiste em não tratar a Internet apenas como uma tecnologia que virtualiza, mas como um espaço onde se podem criar relações sociais, manifestações identitárias, nacionalistas, etc. Mas os autores debatem-se com a questão de saber como se podem mover entre os detalhes de um estudo de caso e as generalidades da Internet a um nível que é global, por um lado, e que curto-circuita uma série de contextos, por outro. Face a este desafio, os autores afirmam que a finalidade do livro não é responder à questão de saber se as suas descobertas etnográficas são específicas de Trinidad ou, pelo contrário, comuns a uma diversidade de contextos. Eles preocupam-se em avançar um «número limitado de dimensões e questões analíticas» (Miller e Slater, 2003 [2000], p. 9) do trabalho que realizaram, oferecendo a análise daquilo a que chamam dinâmicas, e que no presente caso são em número de quatro: dinâmicas de objectificação, dinâmicas de mediação, dinâmicas de liberdade normativa e dinâmicas de posicionamento. Interessam-nos, pelo que temos vindo a expor, as dinâmicas de objectificação, que aliás atravessam todo o livro. Estas dinâmicas, escrevem os autores, relacionam-se com o modo como as pessoas se engajam na Internet como uma instância de cultura material através da qual se inserem em processos de identificação. Mais adiante, Miller e Slater afirmam:

«there were aspects of these new media environments that allowed them themselves as Trinidadian, amongst other things (youth, mas' players, computer nerds, whatever) and given the diversity of Trinidadians (Indian, black, female, elder, etc.» (*id., ibid.*, p. 10).
- 16 Também aqui nos interessa compreender o modo como os portugueses ou os luso-descendentes constroem os sítios a que nos reportaremos enquanto portugueses, sem

assumir outros círculos de pertença em que também estão incluídos (grupos etários, profissionais, etc.).

2. Aspectos metodológicos

- 17 «Que componentes da identidade portuguesa são veiculados e acentuados pelas mensagens dos sítios da Internet das Comunidades Portuguesas em França?» constitui a questão de partida para o trabalho que desenvolvi. Dos dezoito sítios da Comunidade Portuguesa na Internet referidos para França¹ foram seleccionados aleatoriamente três para análise – Terra Portucallis,² Luso.fr³ e Portugal-Tourisme.⁴ Procedeu-se à análise de conteúdo temático-categorial da totalidade do texto presente nos três sítios. A opção recaiu num procedimento fechado com definição *a priori* das categorias temáticas. Com base nas abordagens teóricas anteriormente apresentadas e tentando abarcar o conjunto de constitutivos da identidade nacional, definiram-se seis categorias de análise – componentes históricos, geográfico-espaciais, culturais, religiosos, políticos e ainda os símbolos representativos do estado e povo português: a bandeira e o hino nacionais. Cada categoria foi subdividida em vários temas de análise secundários. A título de exemplo, para a categoria ‘referentes históricos’, a subdivisão incluiu os seguintes temas: narrativas, personagens, comemorações e património monumental. O tema constituiu, pois, a unidade de registo.
- 18 Para além da análise de conteúdo do texto procedeu-se, paralelamente, a uma sistematização da iconografia presente em cada sítio de acordo com os temas definidos para a análise de conteúdo.
- 19 Do ponto de vista temporal, o trabalho decorreu durante os meses de Julho e Agosto de 2009, com a consulta quotidiana dos sítios e a anotação dos elementos novos surgidos em cada dia.

3. Portugal, portugueses e luso-descendentes: o que dizem três sítios

- 20 Analisado sob o ponto de vista da frequência de aparecimento dos temas incluídos nas várias categorias, o texto dos sítios revela um predomínio dos temas enquadrados na categoria ‘referentes culturais’, seguindo-se-lhe em termos de representação as categorias ‘referentes históricos’ e ‘referentes geográficos’.
- 21 Em ‘referentes culturais’ o tema ‘actividades e agentes desportivos’ reúne, entre os vários temas considerados globalmente neste trabalho, o maior número de citações. Elas referem-se essencialmente a notícias sobre futebol e ciclismo – participação de equipas portuguesas em competições europeias, Volta a Portugal em Bicicleta... – e ainda sobre desportistas portugueses que se destacam internacionalmente. As imagens, numerosas, acompanham o texto. Os elementos desportivos parecem assim ajudar os emigrantes e luso-descendentes a manter uma ligação com o país de origem e a reforçar o orgulho de ser português, manifesto em expressões como «o melhor do mundo» ou «a estrela» associadas a Cristiano Ronaldo. Naturalmente, o número e o tipo de citações que encontramos relacionados com este tema está muito dependente da época do ano em que a colheita de dados foi realizada: Julho e Agosto de 2009.

- 22 Ainda na categoria ‘referentes culturais’, ‘artistas portugueses’ é o tema que, por ordem de frequência de citações, surge em segundo lugar. Nele se englobam, em maior número, fadistas, das quais Amália Rodrigues e Mariza, as únicas com imagem acompanhante, são consideradas como símbolos nacionais: Amália Rodrigues «qui fit connaît au monde entier ce qu’est le fado»⁵ e «Mariza [qui] a chanté l’hymne national portugais (A Portuguesa) lors des célébrations de l’anniversaire de la Révolution des œillets en 2004 ainsi que lors de la Coupe du monde de football en Corée en 2002».⁶ O fado, «derivado do latim *fatum*, ou destino» é definido como
- «un genre musical folklorique portugais qui prend la forme d’un chant mélancolique généralement accompagné par une guitare portugaise (guitarra) et une guitare. Le fadiste exploite en général des thèmes récurrents: l’amour inaccompli, la jalousie, la nostalgie des morts et du passé, la difficulté à vivre, le chagrin, l’exil...».⁷
- 23 Neste sentido o fado é concebido como um traço de uma eventual personalidade colectiva portuguesa associada também à nostalgia, à saudade e à tristeza. A indução à existência de uma personalidade colectiva portuguesa é, aliás, um elemento significativo no sentido da caracterização do sítio Terra Portucallis, como veremos no decurso deste trabalho.
- 24 Outros tipos de música e artistas musicais são também evocados: o fol-clore e os ranchos folclóricos e artistas de música ligeira, cujos espectáculos em França são anunciados particularmente em Luso.fr.
- 25 São menores as referências a outro tipo de artistas. Porém, cineastas e actores portugueses actuais são mencionados, também em Luso.fr. Neste caso são os cineastas Manuel Mozo, Pedro Costa e Miguel Costa, bem como alguns dos actores intervenientes nos seus filmes, que nos são apresentados. Alude-se à exibição do filme *Esse querido mês de Agosto*, do português Miguel Gomes, em várias cidades de França, e a exibição do filme luso-espanhol *Fados*, de Carlos Saura, no Nouveau Latina, casa vocacionada para exibição de cinema de autor, em Paris, e ainda à atribuição de um prémio a Mozos no Festival International du Documentaire de Marseille, pelo seu filme *Ruínas*.
- 26 São escassas as referências a outras artes. As artes decorativas são, contudo, valorizadas positivamente pela alusão à azulejaria introduzida em Portugal a partir das expedições dos portugueses a Marrocos: «Ils constituent depuis, un art décoratif dans tout le pays!»; «vous ne pouvez pas les manquer»; «leurs contenus étaient simples et pouvaient se marier avec tout grâce à leurs tons sobres»; «si vous souhaitez voir ces merveilleux azulejos de plus près, vous pouvez vous rendre au Musée de l’Azulejo»⁸ são frases e expressões que demonstram o valor positivo atribuído a este tipo de arte. Dela se apresentam também imagens que se propõem dar conta da sua beleza.
- 27 Se, em termos de texto, a arquitectura apenas é levemente mencionada, a iconografia concede-lhe uma maior importância: fotografias de obras de arquitectura contemporânea portuguesa, relativa sobretudo a edifícios e espaços públicos, bem como de arquitectura industrial, e alguma arquitectura urbana e popular associada aos chamados bairros típicos de Lisboa e do Porto estão presentes sobretudo em Terra Portucallis.
- 28 Escassas são também as referências à literatura portuguesa. No período em que decorreu a investigação apenas uma obra e um escritor foram mencionados. Tal poderá estar associado à época do ano em que decorreu o trabalho – o Verão –, visto que

posteriores consultas a Luso.fr mostraram, na rubrica «Actualité» do mesmo sítio, uma realidade diferente.

- 29 Já a gastronomia assume particular relevo em Terra Portucallis,⁹ onde são apresentados, como especialidades portuguesas, pratos de bacalhau e sobremesas com as respectivas receitas. Há ainda referências aos vinhos e queijos portugueses de várias regiões, bem como a diferentes tipos de pão português
- 30 A iconografia acompanha bem estes textos: pratos, sobremesas, queijos, vinhos e pão são apresentados em imagens correspondentes. Para Maria Isabel João, deve ser estabelecida uma associação entre a gastronomia e a necessidade mnemónica, sobretudo em contextos de emigração. A memória em que a autora integra a gastronomia não é a autobiográfica, mas aquela que «se prende com símbolos, tradições, ideias e valores que são acalentados por uma comunidade como elementos da sua identidade». «Esta memória colectiva precisa de lugares de memória, na acepção definida por Pierre Nora» (João, s/d, p. 5). Assim sendo, o papel desempenhado pela gastronomia nos processos mnemónicos depende em grande parte da sua capacidade de gerar processos de identificação colectiva. Esta gastronomia pode ser modificada, sofrer hibridizações, actualizações. Contudo, Terra Portucallis apresenta as receitas como únicas, organizando uma continuidade inquebrantável.
- 31 ‘Referentes históricos’ revela-se a segunda categoria com maior número de citações, envolvendo numerosas referências a dois dos seus temas, ‘narrativas’ e ‘personagens históricas’, e um número substancialmente menor no que diz respeito a ‘comemorações’. As imagens que aqui acompanham o texto referem-se exclusivamente ao património monumental histórico. As referências históricas são particularmente abundantes em Portugal-Tourisme, cujo autor, um descendente luso-árabe, se propõe elaborar uma história em Portugal e não uma História de Portugal:
- «Histoire au Portugal et non histoire du Portugal. Le titre se veut explicite: il ne s'agit pas de réécrire une histoire du Portugal qui débute avec le comté de Portucale au XIIème siècle. Il ne s'agit pas de retrouver les héros propres de ce pays et les événements propres au pays. Mais bien plutôt de parler des peuples, des personnages célèbres qui y sont passés ou ont eu un rapport direct avec ce pays. Dans un premier temps, il sera donc difficile de parler de la façade atlantique sans parler du reste de la péninsule et de ce qu'il s'y passe. Ce n'est qu'avec l'administration musulmane que le 'Gharb al-Andalus' (l'Ouest de l'Andalousie) que l'on peut considérer cette région comme un ensemble particulier».¹⁰
- 32 Negar uma história de Portugal como uma essência parece pois ser a posição intelectual do autor de Portugal-Tourisme. Este dado é tão mais importante quanto este mesmo autor procedeu a investigações sobre a época lusitana. A partir do momento em que assume que a história de Portugal é a história que aconteceu no território a que se iria chamar Portugal e que a presença árabe, entre outras, é iniludível, a ideia de uma identidade étnica de características fixas parece deixar de fazer sentido.
- 33 Uma outra originalidade do mesmo autor consiste na afirmação da ambiguidade da história de Portugal:
- «L'histoire du Portugal est ambiguë: malgré un retard économique et culturel évident par rapport au reste de la péninsule durant l'antiquité et le haut moyen âge, on sera frappé par la précocité des événements qui en forment la trame, notamment durant les périodes du Moyen Âge et de la Renaissance. De tous les pays d'Europe, le Portugal est le premier à réaliser l'unité nationale, et à fixer des limites territoriales qui n'ont quasiment pas changé depuis le XIIIème siècle. Il a été aussi le premier à connaître une révolution 'bourgeoise'. Le premier aussi sur les océans...

Pourtant ce retard primitif est généralement omis par nombre d'historiens du Portugal. Il existe une sorte de nationalisme, ou plutôt de patriotisme, assez présent au cœur des Portugais, pour que le travail des historiens en soit influencé: en effet, l'histoire du Portugal, avant la 'Reconquête' (terme déjà idéologiquement marqué...) est généralement peu étudié, et malgré quelques recherches significatives qui restent circonscrites à des ouvrages spécialisés, on en reste généralement à considérer ces périodes à travers le prisme de la grandeur d'un Portugal plus tardif». ¹¹

- 34 A sua narrativa da história em Portugal inicia-se no que designa por civilizações da proto-história e termina no período moçárabe – de 711 a 1242. Tal tem a ver com a sua opção de explorar períodos históricos habitualmente mais descurados. A isto, porém, não parece ser alheia a sua condição de descendente luso-árabe. Não se pode contudo deixar de acentuar o facto de reconhecer a precocidade da unidade nacional e da demarcação de fronteiras, que se mantêm até hoje com muito ligeiras alterações no território da Península Ibérica. Para cada uma das descrições de localidades geográficas que o autor do sítio apresenta surge uma informação histórica relativa ao local. Tempo, espaço e grupos sociais surgem, assim, permanentemente associados. Substancialmente diferente é a perspectiva presente em Terra Portucallis – a história de Portugal inicia-se com o Condado Portucalense e há um desfilar de datas e personagens marcantes até à actualidade.
- 35 São sobretudo as descrições de localidades, presentes em Portugal-Tourisme, que colocam num terceiro lugar a categoria 'referentes geográfico-espaciais'. Sendo aquele um sítio construído por um descendente luso-árabe, as suas descrições geográficas parecem revelar as ressonâncias afectivas que ligam o autor aos locais visitados e que surgem em expressões como «Le centre historique (Braga) est d'une beauté particulière», «Ville magique (Amarante), à découvrir à l'aube, lorsque la brume du Rio Tamega enveloppe encore la ville», ou ainda:
- «Bienvenue dans le village de mon grand-père perché dans les hauteurs des montagnes, dominant la fameuse vallée du Douro, le fleuve d'or d'où, depuis des centaines d'années, descend le vin de Porto par barques, appelées là-bas les rabelos». ¹²
- 36 As últimas afirmações constituem, aliás, as únicas referências a uma localidade rural, Ervedosa do Douro, centrando-se as restantes em zonas marcadamente urbanas. O «solo» dos ascendentes é apresentado em tonalidades afectuosas, expressas simultaneamente num convite e numa saudação: bem-vindos. A selecção das imagens que acompanham o texto revela aliás a mesma coloração afectiva e para ela somos dirigidos logo na abertura do sítio:
- «Quelques images de ce fabuleux pays du bout de l'Europe, au fin du monde, anciennement désigné comme le 'Finisterrae'. Je vous propose de découvrir ce pays à travers nos archives personnelles: Pour une meilleure qualité du site, je me restreins la plupart du temps aux photos que ma compagne, ma fille, et moi avons pu prendre, ainsi que quelques unes de mon frère, et de certains amis; Certaines villes seront donc injustement non illustrées... Mais, c'est un choix que de ne pas polluer ce site par des images trouvées et trouvables n'importe où sur la net». ¹³
- 37 Uma outra característica deste autor é, como já se disse, a associação permanente entre o espaço, o tempo e os grupos sociais. Parece-nos identificar, nas suas descrições geográficas, a tentativa de encontrar e mostrar o lugar, a casa, na concepção que, herdada de Certeau, Augé tem do lugar. Na mesma página em que define o lugar como identitário, relacional e histórico, Augé escreve: «o lugar de nascimento obedece, de

facto, à lei do 'próprio' (e do nome próprio) de que fala Certeau» (Augé, 1994 [1992], p. 59). É necessário atentar na proposta, bem anterior, de Certeau relativa ao lugar praticado que é o espaço. Estas duas categorias – lugar e espaço – encontram-se muito explícitas no livro *L'invention du quotidien 1. Arts de faire*, de Michel de Certeau (1990 [1980]). De acordo com o autor, um conjunto de binómios, de que lugar/espaço é um exemplo, poderia ser analisado a partir do binómio língua/palavra proposto por Ferdinand de Saussure. O primeiro termo reenvia sempre para um terreno seguro onde a dimensão política, utópica e estratégica reina; o segundo termo é da ordem da táctica e da colocação em prática do primeiro termo do binómio. Assim, o espaço exime-se à lei segura do lugar, porque consiste em ir de um lugar a outro, ou seja, em fazer a prática do lugar.

- 38 O autor de Portugal-Tourisme joga com estes elementos de um modo peculiar: ele parte daquilo que já foi (e talvez ainda seja) espaço para fazer entrar os objectos de que trata no campo do lugar. Braga não é apenas uma cidade de uma beleza particular. Ela é uma cidade praticada como qualquer outra através de gestos anódinos e quotidianos. Everdosa do Douro já foi, ou é ainda, um terreno onde as coisas ocorriam sem que ninguém lhes conferisse especial importância nem historicidade (não é difícil imaginarmos um quotidiano feito de lavoura, cozedura de pão, trocas discursivas que ninguém valorizou particularmente senão enquanto actualizações quotidianas de uma tradição que, justamente, não era pensada enquanto tal). No entanto, o autor faz estes espaços saírem do quotidiano para serem observados enquanto lugares, terrenos cheios de plenitude, verdadeiros monumentos. Eles passam a objectos já objectificados. Esta objectificação da cultura, proposta inicialmente por Richard Handler e aplicada por João Vasconcelos no seu trabalho de campo na Serra de Arga (aliás um local de onde são originários muitos emigrantes portugueses), consiste em «se ver a cultura como uma coisa: um objecto ou uma entidade natural feito de objectos e entidades (traços)» (Handler *apud* Vasconcelos, 1997, p. 214). Num outro lugar (Nunes, 2006) associei este conceito a um projecto mais vasto de patrimonialização, ancorado num processo mnemónico forçoso em sociedades cada vez mais amnésicas, utilizando as propostas de Pierre Nora. Como afirmou este autor, «fala-se tanto de memória porque ela já não existe» (Nora, 1984, p. XVII).
- 39 Ao contrário de Portugal-Tourisme, Terra Portucallis apresenta-nos um número bastante reduzido de descrições geográficas, compensado porém por uma mostra abundante de fotografias: mais de uma centena de imagens de paisagem urbana e do litoral, porém sem qualquer informação – que não a simples localização geográfica – e sem qualquer comentário.
- 40 Dos três sítios apenas Terra Portucallis apresenta referências a temas de carácter religioso. Existem simples enunciações de festas religiosas católicas de carácter internacional, alusões a algumas de cariz mais nacional – Nossa Senhora da Conceição, S. João –, mas Fátima assume uma particular importância. A peregrinação a Fátima é considerada a peregrinação de Portugal. É longa a narrativa sobre os acontecimentos de Fátima de 1917 e são igualmente cheias de pormenores e de valorações positivas as descrições da vida dos três videntes.
- 41 A iconografia religiosa, presente apenas em dois dos sítios,¹⁴ refere-se exclusivamente ao património monumental religioso. A escolha deste tipo de iconografia relaciona-se com a procura patrimonial que acima referi e é significativa das propostas dos dois sítios que a apresentam. O debate em torno da questão da patrimonialização da religião

já conta várias décadas. Em 1973, um debate radiofónico entre Michel de Certeau e Jean-Marie Domenach deu origem à publicação *Le Christianisme Éclaté*, surgida um ano mais tarde. Nesse livro de 1974, Certeau perguntava-se se o cristianismo tinha deixado de ser um objecto de adesão ou de combate para passar a ser encarado apenas como um objecto cultural entre outros. De acordo com este autor, o cristianismo estava então num processo acelerado de folclorização. Danièle Hervieu-Léger retomou este tema com vigor. No capítulo V da obra *La Religion pour Mémoire*, intitulado «Questions sur la tradition», a autora, remetendo para outros artigos já por si escritos, define explicitamente a religião como «essa modalidade particular do crer que tem de específico apelar à autoridade legitimadora de uma tradição» (Hervieu-Léger, 1993, p. 121). Afirma depois que essa proposta de definição beneficiou das objecções que lhe foram colocadas e que se dividiam em dois tipos: as que pensavam ser um paradoxo, se se pretende identificar as realizações religiosas da modernidade, definir a religião por referência à tradição; e as que diziam respeito aos limites do religioso entendido deste modo (*id., ibid.*).

- 42 Danièle Hervieu-Léger sugere que estas objecções se prendem, por um lado, com uma concepção que liga a religião com a «sociedade tradicional», que a autora coloca entre aspas, e que identificamos as mais das vezes por meio dos traços que a opõem à modernidade e, por outro lado, com uma forma de extirpar todas as produções religiosas da modernidade. Ora, é necessário saber até que ponto as ditas sociedade tradicional e sociedade moderna se opõem de tal modo, conforme é frequentemente sugerido. Como escreve Danièle Hervieu-Léger, «Este reexame não implica questionar o ponto de vista largamente admitido pelas ciências sociais, segundo o qual a tradição constitui a forma estruturante das sociedades pré-modernas. Pretende-se significar com isso simplesmente que as sociedades pré-modernas ignoram aquilo que Marcel Gauchet designou por o ‘imperativo da mudança’, característico, ao contrário, da modernidade» (*id., ibid.*, p. 122). Portanto, quando a tradição é objecto de discurso, é porque essa tradição se está a desvanecer e a relação reflexiva que se mantém com ela é também característica da modernidade tardia.
- 43 A política está quase ausente destes sítios e apenas Luso.fr apresenta uma notícia sobre política nacional e dois comentários relativos a questões políticas e sociais. Por outro lado, no mesmo sítio são mostradas e comentadas notícias de outros países da lusofonia: Brasil, Guiné-Bissau, Timor e Moçambique constam entre esses. O hino e a bandeira nacional, símbolos representativos do estado e do povo português, são referidos apenas em Terra Portucallis, onde uma alusão ao hino e uma descrição pormenorizada com a explicação dos seus constituintes acompanha a imagem da bandeira nacional.

Conclusão

- 44 Defini como objectivo deste artigo perceber como a Internet pode contribuir para a manutenção e a reconstrução de traços identitários portugueses.
- 45 Quando da revisão da literatura sobre a questão da identidade nacional, tornou-se muito evidente que quase todos os autores compreendiam a identidade nacional como algo manipulável, historicamente contextualizado: Anthony Smith, muito embora assumia algumas posições dos modernistas, acentua o carácter processual e a importância da memória; José Manuel Sobral preocupa-se também com a memória de

carácter colectivo e sublinha que tanto a identidade nacional quanto a memória colectiva que a nutre não são dados estanques; Denys Cuche assume a mesma posição ao afirmar que a identidade está dependente dos dados relacionais e situacionais; Ardjun Appadurai salienta a crise do estado-nação enquanto este se continua a ancorar numa tríade bem articulada de território, etnia e ostentação governamental e propõe a diferenciação entre território e solo. Quando me debrucei sobre a literatura relativa à Internet, tornou-se igualmente evidente que esta era entendida também como um terreno que permitia mobilidade, mas, do mesmo modo, ancoramento. Das possibilidades de interpretação da Internet interessou-me sobretudo a de Daniel Miller e Don Slater, pela abordagem a que procediam do que designavam por dinâmicas de objectificação, o que vem a ser estratégias de engajamento na Internet enquanto cultura material que permite a inserção em processos de identificação: na verdade, quer os habitantes de Trinidad ou indivíduos provenientes da ilha, quer os portugueses na Internet ali surgiam enquanto tais, prescindindo de outras referências identitárias (etárias, profissionais, religiosas, etc.).

- 46 O procedimento metodológico adoptado consistiu numa análise de conteúdo minuciosa que me permitiu estabelecer a linha de raciocínio com a qual gostaria de finalizar este texto. Os três sítios revelavam tácticas de identificação com a nação e de perpetuação da memória desta última que oscilavam entre, por um lado, a valorização do efémero e o pouco engajamento em processos de patrimonialização e, por outro, a valorização do perene e um grande engajamento em processos de patrimonialização. No entanto, julgo que se pode construir um *continuum* entre as primeiras e as segundas, que começa em Luso.fr, passa por Portugal-Tourisme e alcança o grau máximo em Terra Portucallis, no que diz respeito à valorização do perene e à patrimonialização. Vejamos como.
- 47 Luso.fr salientou quase sempre o efémero: o futebol e a volta a Portugal em bicicleta contaram com muita documentação escrita e iconográfica, mas que se assumia sempre como tratando-se de material noticioso e não de considerações sobre o futebol e o ciclismo enquanto aspectos típicos portugueses. O interesse pela actualidade cinematográfica, a imagem em movimento, era evidente, mas era actualizado pelas notícias relativas ao calendário das exposições, também efémero; a actualidade política portuguesa e relativa aos países de língua oficial portuguesa só encontrou o seu lugar em Luso.fr.
- 48 Portugal-Tourisme interessou-se sobretudo pela historicidade da nação portuguesa, mas o modo como a concebia afastava este sítio de tentativas de fixação de um carácter português estanque. Portugal era muito mais do que o ocorrido a partir da formação do Condado Portucalense. A relevância conferida ao passado árabe esboçava uma imagem de hibridização do país. De resto, para o autor do sítio, ele próprio com uma dupla ascendência árabe e portuguesa, a história de Portugal era a história de ambiguidades e, por conseguinte, de tudo o que não cabe no campo semântico da coerência, da perenidade, do património cristalizado num momento de sentido único.
- 49 Terra Portucallis cristaliza sistematicamente a nacionalidade portuguesa. Estabelece as suas especialidades, as suas particularidades, em monumentos históricos que serão sempre iguais a si próprios, em receitas que elevam o consumo quotidiano e anódino de pastéis de nata, pratos de bacalhau e outras iguarias alimentares ao consumo de especialidades portuguesas cujas receitas servirão para cristalizar a gastronomia portuguesa numa maneira única de saber fazer. O processo de patrimonialização sobre que trabalhei (Nunes, *op. cit.*), isto é, o processo pelo qual se fixa a tradição num

momento em que ela já não é operativa e em que começa a ser vista como tal, ou seja, como tradição, dando conta da modernidade etnográfica reflexiva sobre que escrevia João Vasconcelos, atinge neste sítio o clímax.

- 50 As conclusões que estabeleci referem-se a três sítios realizados por emigrantes portugueses em França ou por descendentes seus e não permitem, por isso, generalizações relativas aos usos da Internet pelos emigrantes portugueses em França. Mas a análise a que procedi permite afirmar que a Internet é de facto um espaço onde se apresentam, se reproduzem ou se criam relações com a nação, neste caso a nação portuguesa. Essas relações realizam-se na Internet de modos muito diferentes, como o *continuum* que estabeleci deixa entrever. Porque também o modo de ser emigrante ou luso-descendente em França se declina em formatos muito diferenciados.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, B. (2005 [1983]) *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa, Edições 70.
- Appadurai, A. (2007 [2003]) Sovereignty without territoriality: Notes for a postnational geography. In Low, S. M. e Lawrence-Zúniga, D. eds. *The Anthropology of Space and Place. Locating Culture*. Malden, Oxford e Victoria, Blackwell Publishing, pp. 337-349.
- Augé, M. (1994 [1992]) *Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Amadora, Bertrand Editora.
- Certeau, M. (1990 [1980]), *L'Invention du Quotidien 1. Arts de Faire*. Paris, Gallimard
- Certeau, M. de e J.-M. Domenach (1974) *Le christianisme éclaté*, Paris, Cerf
- João, M. I. (s/d) O Espontâneo e o Construído nas Memórias de Migrantes. [Internet] Disponível em <www.museu-emigrantes.org/seminario-comiunicacao-isabel-joao.htm>.
- Cuche, D (2004 [1996]) *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa, Fim de Século.
- Hervieu-Léger, D. (1993) *La Religion pour Mémoire*. Paris, Cerf.
- Miller, D. e Slater D. (2001) *The Internet: An Ethnographic Approach*. Oxford, Berg.
- Nora, P. (1984) *Les Lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard.
- Nunes, C. S. (2006) Em torno da noção de património. *Actas do III Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural*. Póvoa do Varzim [CD-ROM].
- Rheingold, H (1996 [1993]) *A Comunidade Virtual*. Lisboa, Gradiva.
- Sobral, J. M. (2003) A formação das nações e o nacionalismo. Os paradigmas explicativos e o caso português. *Análise Social*, XXXVII (165).
- Sobral, J. M. (2006) Memória e identidade nacional: considerações de carácter geral e o caso português. [Internet] Disponível em <http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_4.pdf>.

Vasconcelos, J. (1997) Tempos remotos: a presença do passado na objectificação da cultura local. *Etnográfica*, 1 (2).

Wellman, B. e Boase, J. (2004) Personal Relationships: On and Off the Internet. In Perlman, D. e Vangelisti, A. L. eds. *The Handbook of Personal Relations*. Cambridge, Cambridge University Press.

NOTAS

1. Apresentados em <http://www.vas-y.be/pt/Comunidades/internet.htm>.
 2. <http://www.terra-portugal.com>
 3. <http://www.luso.fr>.
 4. <http://portugaltourisme.free.fr>.
 5. Em <http://www.terra-portugal.com/specialites/fado.html>.
 6. Em <http://www.terra-portugal.com/specialites/fado.html>.
 7. Em <http://www.terra-portugal.com/specialites/fado.html>.
 8. Em <http://www.terra-portugal.com/specialites/azulejos.html>.
 9. <http://www.terra-portugal.com/specialites/gastronomie/morue.html> e <http://www.terra-portugal.com/specialites/gastronomie/desserts.html>
 10. Em <http://portugaltourisme.free.fr>.
 11. Em <http://portugaltourisme.free.fr>.
 12. Em <http://portugaltourisme.free.fr>.
 13. Em <http://portugaltourisme.free.fr>.
 14. <http://www.terra-portugal.com/> e <http://portugaltourisme.free.fr>.
-

RESUMOS

No presente texto dá-se conta do resultado da análise de conteúdo da informação presente num conjunto de sítios da Internet produzidos por emigrantes portugueses em França ou luso-descendentes, análise feita com o objectivo de compreender como a Internet pode contribuir para a manutenção e reconstrução de traços identitários portugueses num contexto de emigração. O trabalho baseou-se nas propostas teóricas de José Manuel Sobral, Ardjun Appadurai, Barry Wellman, Benedict Anderson, Daniel Miller e Don Slater, Howard Rheingold, Marc Augé e Michel de Certeau. Os resultados sugerem que a construção da nação portuguesa através da Internet, num contexto de diáspora, constitui um modelo criador de relações sociais não virtuais onde podemos ver lugares e espaços antropológicos a partir dos quais a nação tem sido inventada.

The present text consists on a content analysis of a set of internet sites produced by Portuguese emigrants in France. Based on some theoretical proposals, such as those of José Manuel Sobral, Ardjun Appadurai, Barry Wellman, Benedict Anderson, Daniel Miller and Don Slater, Howard Rheingold, Marc Augé e Michel de Certeau, it is suggested that the construction of the Portuguese nation, within a diaspora context and by means of the inter-net, constitutes a model which is creator of non virtualised social relations, where we may see anthropological spots and spaces, from which nation is being invented.

ÍNDICE

Keywords: ethnography, migrations, internet, national identity, France

Palavras-chave: etnografia, migrações, internet, identidade nacional, França

AUTOR

CATARINA SILVA NUNES

Universidade Aberta

cnunes@univ-ab.pt